

AS LIDERANÇAS OPERÁRIAS EM DISCUSSÃO: A DIFUSÃO DO PRIMEIRO DE MAIO NA CIDADE DE MANAUS (1900-1930)

THE WORKING LEADERS UNDER DISCUSSION: THE DIFFUSION OF THE MAY FIRST IN MANAUS CITY (1900-1930)

RICHARD KENNEDY NASCIMENTO CANDIDO*¹

Resumo: Neste artigo buscamos explorar como as lideranças operárias da classe trabalhadora de Manaus foram importantes na difusão do Primeiro de Maio na cidade durante a Primeira República. Enfocaremos lideranças como Tércio de Miranda, Joaquim Azpilicueta e o empresário do setor jornalístico, Joaquim Rocha dos Santos, que ajudaram a difundir a data comemorativa na cidade. Dentro de suas funções, esses homens foram importantes na consolidação do Primeiro de Maio, seja em discursos proferidos por ventura dos préstitos pelo Dia do Trabalhador ou em atuações na imprensa. Além desses debates, exploraremos imagens publicadas no *Jornal do Comércio* para evidenciar a dimensão que a data obteve entre a sociedade local.

Palavras-chave: Lideranças operárias; Primeiro de Maio; Manaus.

Abstract: In this article we aim to explore how the workers leaderships of the manauara working class were important in the diffusion of the First of May in the city during the First Republic. We will focus on names such as Tércio de Miranda, Joaquim Azpilicueta and Joaquim Rocha dos Santos - although not being of the working class he ended up helping to spread the date in the city - which within their functions were important in the consolidation of First of May, either in speeches given by the Labor Day or in the press. In addition to these debates, we will explore some images widespread in *Jornal do Comércio* that were important to understand the dimension that the date had among the local society.

Keywords: Working leaders; May Day; Manaus.

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Amazonas, Bolsista CAPES. Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Membro do GT Mundos do Trabalho. (E-mail: richard_lp13@hotmail.com)

¹ Artigo recebido em 28 de setembro de 2019 e aprovado para publicação em 12 de novembro de 2020.

Introdução

Ao tratar do Primeiro de Maio, isto é, das ideias e dos pensamentos que estão associados à essa data comemorativa, o leitor deve ter se questionado sobre de quem são as vozes a que temos acesso por meio da imprensa, seja ela operária ou de grande circulação. Podemos afirmar que os líderes operários foram os principais responsáveis pela massiva divulgação das pautas dos trabalhadores, na “tentativa de acompanhar as manifestações da classe em nível mundial”², e não foi à toa que alguns aspectos de caráter nacional e internacional apareceram nas manifestações.

Por exemplo, em 1905, quando o senador pelo Distrito Federal, Lauro Sodré, foi preso por se posicionar contra a imposição das vacinas no Rio de Janeiro, a classe trabalhadora nacional resolveu prestar solidariedade ao político dentro das mobilizações do Primeiro de Maio. Enquanto na capital federal os trabalhadores desfilavam na Rua do Ouvidor saudando o nome do político de origem paraense³, no Amazonas, os operários, com ajuda da redação do *Jornal do Comércio*, resolveram comprar uma espada de ouro para ajudar no pagamento da fiança de Sodré. A espada de ouro foi enviada ao Rio de Janeiro e noticiada em novembro de 1905 como parte da ajuda para efetivar a soltura do senador⁴.

Esta é uma exemplificação de como encarar o Primeiro de Maio como universal, como uma data encaixada a partir de um modelo eurocêntrico, não funcionou no Brasil, muito menos no Amazonas. As pautas abordadas nessa data surgiam conforme a classe operária sentia necessidade de colocá-las em prática.

Contudo, os fluxos de informações trazidos pelos líderes da classe trabalhadora local enfatizaram a universalidade da data a partir dos ideais da Revolução Francesa. A noção de universalidade, muito difundida pelos militantes, trata, principalmente, das ideias trazidas da Europa para o outro lado do Atlântico. Entretanto, no caso do Primeiro de Maio, os elementos unificadores, que promoveriam, portanto, essa universalidade, eram a simultaneidade das mobilizações e a luta pelas oito horas de trabalho. Afinal, como planejado em Paris no ano de 1889, as manifestações do 1º de Maio visavam “dar à classe operária consciência de si mesma

² COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana** – Trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Editora Valer; FAPEAM, 2014, p. 178.

³ *Jornal do Comércio*, Manaus, 5 mai. 1905.

⁴ *Jornal do Comércio*, Manaus, 2 nov. 1905.

através da realização de gestos idênticos num amplo espaço e de impressionar a opinião pública”⁵.

A opinião pública era importante para a compreensão da real dimensão do impacto das exigências da classe trabalhadora unida em torno de seus próprios interesses, como a já mencionada luta pela jornada de oito horas, principal pauta do 1º de Maio em âmbito internacional.

A data, que acabou sendo instituída no Brasil no próprio mês de maio, é um dos fatores de forte demonstração dessa influência, pois, na Europa, esse mês tem grandes conexões com a natureza, a qual “se enraíza na combatividade habitual do maio operário, mês recordista de greves, e talvez, a mais longo prazo, na tradição de primavera dos maios aldeões”⁶, em que “Maio carrega toda uma simbologia que é preciso saber se e como foi levada em conta, a que nível do consciente ou do inconsciente coletivo”⁷. Eric Hobsbawm destacou que a “linguagem iconográfica reflete as imagens da primavera, da juventude e do crescimento”⁸ exclusivamente para o hemisfério norte, onde “as flores eram parte importante destas imagens”⁹. Ainda segundo o autor, “era uma celebração de renovação e de esperança em uma estação do ano caracterizada pela renovação e pela esperança”¹⁰.

Enquanto no hemisfério norte a primavera se inicia, o hemisfério sul está no outono e num período pouco produtivo de flores. Portanto, como demonstrou Claudio Batalha, foi impossível fazer “uma ligação direta entre as celebrações da primavera (por razões óbvias) e o 1º de maio”¹¹. Batalha afirma também que não havia essa “propalada homogeneidade étnica e idiomática do proletariado nos países europeus”¹². Assim, as lideranças locais buscavam criar um ideal de homogeneidade e universalidade em troca de alguma unidade construída a partir

⁵ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 136.

⁶ *Ibidem*, p. 134.

⁷ *Idem*. *Ibidem*

⁸ HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a História Operária**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 129.

⁹ *Idem*..

¹⁰ *Ibidem*, p. 130.

¹¹ BATALHA, Claudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira da (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 109.

¹² BATALHA, Claudio. Identidade da Classe Operária no Brasil (1880-1920). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 12, n.23/24., set. 1991/ago. 1992, p. 116.

da identidade de classe entre os trabalhadores de origens tão diversas como os do continente europeu.

No Brasil, diversas lideranças foram fundamentais no processo de institucionalização do 1º de Maio, demonstrando justamente a heterogeneidade dos trabalhadores e trabalhadoras envolvidos no movimento. Em sua grande maioria, essas lideranças eram “dos setores mais qualificados do operariado, particularmente gráficos”¹³. Trataremos, aqui, principalmente de João Cursino da Gama, Joaquim Azpilicueta e Tércio de Miranda¹⁴. Também incorporamos a figura de Joaquim Rocha dos Santos, mas não como liderança, e sim como um difusor da data, destacando que era dono de um dos maiores e mais influentes jornais da cidade, o *Jornal do Comércio*. A folha foi dirigida por Rocha dos Santos, entre 1904 a 1906, e a partir desta iremos analisar algumas imagens que foram difundidas como forma de ajuda à mobilização do Primeiro de Maio em Manaus.

As principais lideranças operárias: Azpilicueta, Miranda e Gama

Joaquim Azpilicueta era espanhol da cidade de Pamplona. Azpilicueta chegou a Manaus depois da segunda metade da década de 1900 e foi logo se envolvendo em debates vinculados aos tipógrafos, visto que ele atuava tanto como jornalista quanto como tipógrafo¹⁵. Ele era socialista e, assim como João Cursino da Gama e Joaquim Rocha dos Santos, pregava que a atuação política deveria respeitar as esferas legais da sociedade e seria uma das saídas para classe trabalhadora promover mudanças sociais¹⁶.

Na imagem abaixo, observamos Azpilicueta ao centro discursando para alguns trabalhadores em 1º de maio de 1914. Apesar da imagem não estar nítida, é possível perceber a presença de crianças em meio aos operários.

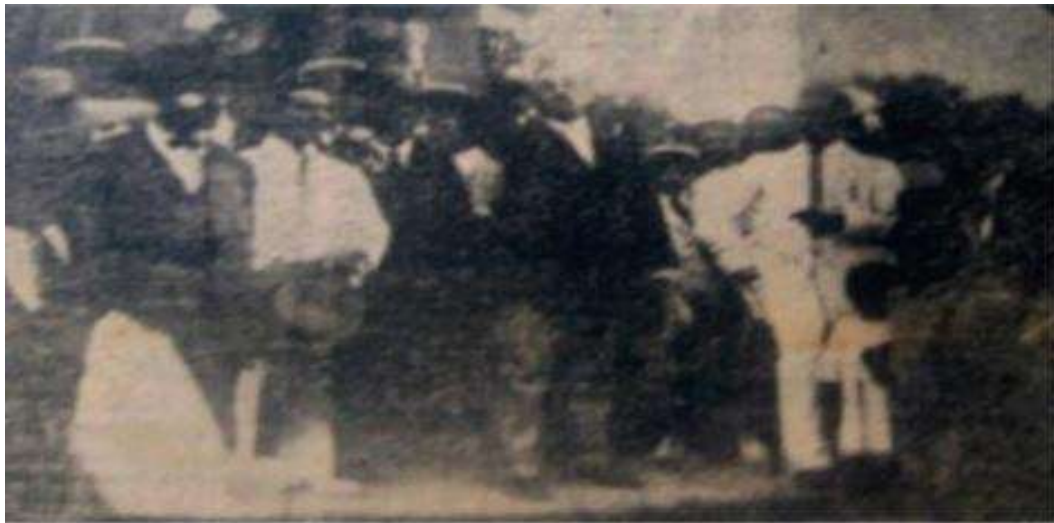
¹³ *Ibidem*, p. 89.

¹⁴ Pensamos a partir dos conceitos de “núcleo duro, rede pequena e densa, rede ampla” elaborados por: TELES, Luciano Everton Costa. **Construindo Redes Sociais, projetos de identidade e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas**. 2018. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018, p. 94.

¹⁵ PINHEIRO, Luís Balkar S. P.; PINHEIRO, Maria Luiza U. **Mundos do Trabalho na cidade da borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880-1930)**. Jundiá: Paco Editorial, 2017, p. 173-179.

¹⁶ TELES, Luciano Everton Costa. *Op. cit.*, p. 90.

Figura 1- Joaquim Azpilicueta discursando em 1º de maio de 1914 em Manaus



Fonte: *Jornal do Comércio*, Manaus, 2 de maio de 1914 *apud* BARROS, Cláudia Amélia Mota Moreira. **Vozes Operárias:** os tipógrafos e a construção da identidade operária amazonense (1891-1914). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, 2015, p. 73.

Joaquim Azpilicueta conseguia circular entre a classe trabalhadora de Manaus com desenvoltura. Apesar de ter sido visto discursando em 1º de maio de 1914, Azpilicueta não ganhou tanto destaque na nota jornalística referente à fotografia acima, que, por sua vez, fora publicada no *Jornal do Comércio*¹⁷ periódico de grande circulação na época ligado aos setores da classe média da cidade de Manaus. Contudo, a nota preocupava-se em narrar os acontecimentos da data e não tinha assinatura. Entretanto, o jornal carioca *A Voz do Trabalhador* transcreveu parte da fala do espanhol:

Ergamo-nos e caminhemos em busca da emancipação; – disse o companheiro – fundemos associações e arrejintemos a classe trabalhadora e só então poderemos impor-nos à ambição descomunal do patrão, que, além de usufruir todos os lucros que nós produzimos, insiste por não querer pagar em dia os salários do operário.¹⁸

No discurso, Azpilicueta incentivou os trabalhadores presentes a fundar associações para só fazer frente aos patrões, estes que, além de ganhar os maiores lucros, atrasavam os salários daqueles. A fala evidenciou as convicções políticas socialistas, ao passo que

¹⁷ *Jornal do Comércio*, Manaus, 2 mai. 1914.

¹⁸ *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1914.

apresentava um pouco da condição de exploração dos trabalhadores de Manaus, assinalando a emancipação operária.

Em 1928, Azpilicueta publicou um artigo no jornal *Primeiro de Maio* de Manaus, chamado “O Operário é o Mundo”. A nota evidenciava a relevância do Primeiro de Maio, sobretudo, na importância “de homens que pagaram com a vida o tributo de um Ideal por que pugnavam!”¹⁹, fazendo uma referência aos mártires de Chicago. Azpilicueta alertava que qualquer vitória só poderia ocorrer quando a luta causasse vítimas, culpando, assim, o patrão por esses empecilhos. Mas, assinalava que “o trabalhador de hoje, porém, sacode com altivez esses movimentos torpes e vai à escola”²⁰, sinalizando que, apesar dos conflitos, o operário “não precisa enveredar pela estrada ingrata da desordem”²¹, e “ao em vez da violência e da destruição o operário atual faz uso da calma, da palavra e da ordem”²², reafirmando os ideais socialistas que defendia. Para ele, o Primeiro de Maio tinha dupla significação: “se a data representa uma página de sangue, também fica em apoteose a vitória das vítimas em prol da coletividade”²³. O próprio título do artigo exemplifica como parte das lideranças socialistas de Manaus encarava a universalidade da data: “O operário é o Mundo”²⁴.

Alguns anos antes da chegada de Azpilicueta a Manaus, João Cursino da Gama chegou à cidade nos primeiros anos do século XX vindo de Pernambuco. Foi diretor do referido *Primeiro de Maio*, no qual assinou uma matéria que se chamava “A Instrução”. O artigo apontava que o operariado não reconhecia o seu valor por conta da pouca instrução e divergia do sentido de luta como forma de adquirir direitos, pois considerava ser crime lutar e fazer greve. Assim, Gama ressalta que, as escolas noturnas, sobretudo, seriam o caminho de vitória da classe trabalhadora²⁵. Gama apostava que a educação poderia livrar a classe trabalhadora da exploração, um pensamento bastante presente no período entre as lideranças operárias. Mais tarde enveredou pelos caminhos da política partidária, tornando-se vereador em 1929²⁶.

¹⁹ *Primeiro de Maio*, Manaus 1928.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Idem*.

²² *Idem*.

²³ *Idem*.

²⁴ *Idem*.

²⁵ *Idem*.

²⁶ PINHEIRO, Luís Balkar S. P.; PINHEIRO, Maria Luiza U. *Op. cit.*, p. 212-217.

Figura 2 - João Cursino da Gama



Fonte: Jornal *Primeiro de Maio*, Manaus, 1º de maio de 1928.

As lideranças operárias de Manaus tinham relações muito próximas com a imprensa local. A figura de João Cursino da Gama se entrelaçava com a história do jornal *Primeiro de Maio*, periódico que era comemorativo da data maior da classe trabalhadora e era animado pelos gráficos. Apenas uma edição desse periódico chegou até os dias de hoje, o qual é datado do dia 1º de maio de 1928. Sabe-se que outra edição saiu em maio de 1929²⁷, mas, até o momento, não foi encontrada nos arquivos da cidade. O jornal possuía quatro páginas, divididas em cinco colunas e se apresentava como “órgão do proletariado amazonense”.

Outra liderança de muito destaque foi o tipógrafo e jornalista Tércio de Miranda que, nascido em Portugal, chegou ao Brasil em 1913, Miranda possuía convicções políticas de caráter anarquista que influenciaram completamente o seu campo de luta em Manaus. Ele foi um dos que mais pregaram o caráter de luta do 1º de Maio, chegando a rivalizar com pessoas e meios de comunicação por conta dos sentidos atribuídos à data. Segundo Cláudia Amélia Mota Moreira, “essa ideia de luta incessante, defendida por Tércio é uma premissa para compreendermos a concepção de mundo defendida por ele, onde o confronto entre classes é pautado no confronto de interesses entre burguesia e proletariado”²⁸.

²⁷ *Jornal do Comércio*, 1 mai. 1929.

²⁸ BARROS, Cláudia Amélia Mota Moreira. *Op. cit.*, 2015, p. 78.

Na figura abaixo, Tércio de Miranda posa nas dependências do *Jornal do Comércio*. Em 1913, um ano antes de fundar o *A Lucta Social*, Miranda era diretor da seção de fotografura e zincografia do *Jornal do Comércio*²⁹.

Figura 3 - Tércio de Miranda



Fonte: *Jornal do Comércio*, Manaus, 2 de janeiro de 1913 *apud* RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. **Do Burgo Podre ao Leão do Norte: o Jornal do Comercio e a Modernidade em Manaus (1904-1914)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, 2014, p. 73.

Foi também um dos líderes operários mais atuantes e estudados pela historiografia, por ser reconhecido como aquele que “introduziu o anarquismo na região, elencando Manaus como centro de irradiação dessa corrente política por todo o norte do Brasil”³⁰, inclusive com destaque no jornal carioca *A Voz do Trabalhador*, em 1914. Segundo Luís Balkar Pinheiro:

Desde cedo a atenção de Tércio Miranda havia se voltado para a necessidade de ampliar a base de apoio sindical, dotando os trabalhadores de informação e formação política, sendo essa a principal motivação que o impulsionou em direção à dinamização de uma imprensa de e para os trabalhadores.³¹

²⁹ RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. **Do Burgo Podre ao Leão do Norte: o Jornal do Comercio e a Modernidade em Manaus (1904-1914)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, 2014, p. 72.

³⁰ TELES, Luciano Everton Costa. Tércio Miranda: uma liderança anarquista na Amazônia (1913-1914). **Revista Mundos do Trabalho**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, jan.-jul. 2017, p. 119.

³¹ PINHEIRO, Luís Balkar S. P. Lideranças estrangeiras entre os trabalhadores manauaras (1910-1930). **Revista Mundos do Trabalho**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, jan.-jul. 2017, p. 96.

No que tange às ações frente ao Primeiro de Maio, Miranda fez duras críticas ao sentido atribuído por parte da classe trabalhadora de Manaus à data. No ano de 1914, afirmou que aquela mobilização era uma “antítese da causa operária”³², reafirmando que

ela não era de festa nem de música, nem regozijos vãos, mas sim de revolta, de protesto à tirania dos governos, que assassinaram impunemente os nossos camaradas de Chicago, por terem eles a hombridade de reclamar a jornada de oito horas.³³

Tércio de Miranda acreditava que apenas a luta traria a emancipação operária a todos e que pregar o sentido festivo a essa data funcionava como uma tentativa dos “poderosos senhores” de desviar os caminhos ideais da classe trabalhadora, os quais levariam-na à emancipação. Miranda foi muito atuante nos eventos decorridos em 1º de maio de 1914 e, assim, proferiu discursos durante todo o préstito, alertando os trabalhadores para aquilo que considerava ser o sentido ideal da data e para a compreensão da história do Primeiro de Maio. Para Miranda, a origem da celebração estava muito mais ligada aos mártires de Chicago do que à Segunda Internacional ocorrida em Paris no ano de 1889³⁴.

Assim como existiu uma disputa pelo sentido da data, havia também uma disputa em torno de suas origens. Os anarquistas acreditavam mais no caráter heroico do martírio em Chicago (1886). O jornal *A Lucta Social* seguia essa ideia e destacou que “o início teve lugar em Chicago, lá pelo ano de 1884”³⁵. Entretanto, os socialistas buscavam as origens da data nas decisões tomadas a partir do congresso da Segunda Internacional de Paris, decorrido em 1889³⁶.

O *A Lucta Social* foi tão ferrenho lutador contra o sentido festivo da data que publicou a nota “*A Festa do Trabalho*”, assinada por Anselmo Lorenzo em 1º de maio de 1914. O tom revoltoso do trecho transcrito abaixo evidencia como os militantes anarquistas reagiam aos grupos que insistiam em aderir às festas do trabalho.

Se rebuscarmos as páginas da história, havemos de ver que todas as festas se realizam para celebrar ou comemorar um triunfo. [...] A festa do trabalho! Que irritação. Poderá o trabalhador embelezar com frescas e aromáticas flores a máquina em que se extenua para ganhar uma ridicularia que mal chega para o pão e caldo, a oficina que o sufoca,

³² *A Lucta Social*, Manaus, 1 mai. 1914.

³³ *Idem*.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Idem*.

³⁶ *Vida Operária*, 1 mai. 1920.

as cadeias que lhe cortam a liberdade, o chicote que o açoita, a organização social contemporânea que pretende reduzi-lo à submissão e à impotência...³⁷

A história do jornal se confunde com a história de seu idealizador Tércio de Miranda. O periódico era mensal e tinha como colaboradores José da Mota Vieira, Carlos Malato, E. Cavalcanti e Virgílio de Sá e possuía vínculos com a Sociedade das Artes Gráficas de Manaus³⁸. O jornal ganhou as ruas de Manaus em 29 de março de 1914 e, quanto às características físicas, possuía 22x30 cm de formato, oito páginas com três colunas cada e uma. Segundo Luis Balkar Pinheiro e Maria Luiza Pinheiro, a missão do jornal foi “assumir um claro projeto de formação política a partir da discussão pedagógica de temas e questões centrais à condição e à causa operária”³⁹. O periódico possuiu duas fases, a primeira em 1914 e a segunda em 1924. Na primeira fase, ele deixou de circular em Manaus ainda em 1914, e, no ano seguinte, Tércio Mirando retornou a Portugal⁴⁰.

Joaquim Rocha dos Santos: um apoiador do Primeiro de Maio

O último personagem de destaque analisado será Joaquim Rocha dos Santos, um português nascido em 1851 na capital Lisboa. Devemos destacar e deixar em evidência que Rocha dos Santos não era um trabalhador, mas, devido a sua atuação frente aos segmentos operários, optamos por alçá-lo como um difusor das ideias acerca do Primeiro de Maio. Em sua estadia no Amazonas, Santos foi “delegado de polícia, juiz de paz, deputado da Assembléia, Administrador do Trapiche da Recebedoria, provedor da Santa Casa de Misericórdia”⁴¹. Ele foi republicano, abolicionista e também “lutou pelos direitos civis dos cidadãos posicionando-se, muitas vezes, contra atos e decisões arbitrárias de quem estava no poder”⁴². Santos foi muito importante na imprensa manauara, principalmente quando atuava como colaborador no jornal *O Paiz*⁴³. A partir de janeiro de 1904, tornou-se diretor do *Jornal do Comércio*, no qual trabalhou até a sua morte, em 1906⁴⁴.

³⁷ *A Lucta Social*. Manaus, 1 mai.1914.

³⁸ SANTOS, Francisco Jorge dos; *et al.* **Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)**. Catálogo de Jornais. 2 ed. Revisada. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1990, p. 133.

³⁹ PINHEIRO, Luis Balkar S. P.; PINHEIRO, Maria Luiza U. *Op. cit.*, 2017, p. 185.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 188-189.

⁴¹ RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Op. cit.*, p. 27.

⁴² *Idem*.

⁴³ *Ibidem*, p. 29.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 31.

O centenário jornal, ativo até os dias de hoje, iniciou seus trabalhos em janeiro de 1904 e, portanto, em meio às intensas discussões sobre a anexação do território do Acre ao Brasil. O jornal possuía sede própria no centro de Manaus, na avenida Eduardo Ribeiro, e passou por três fases até ser vendido para o grupo de Assis Chateaubriand, em 1943⁴⁵. Essas fases podem explicar, inclusive, o teor das informações divulgadas pelo jornal e por seus colaboradores no decorrer dos anos.

Na primeira fase — que foi desde a inauguração do jornal, em 2 de janeiro de 1904, até 16 de janeiro de 1906, dias depois da morte do dono e diretor Rocha dos Santos —, o jornal teve como redatores Henrique Rubim e Alcides Bahia e como colaboradores Mello Rezende, Heliodoro Balbi, Gaspar Guimarães, Vivaldo Lima, Carlos Eugenio Chalvin, Solon Pereira, Alberto Rangel e J. Tabosa. Uma característica, observada pela historiadora Priscila Ribeiro, foi que a grande maioria destes vinha de fora do estado e eram formados em cursos de prestígio, como Medicina e Direito⁴⁶.

Segundo Leno Barata Souza, o foco das propagandas publicitárias do *Jornal do Comércio (JC)* era a elite manauara, como os grandes comerciantes e seringalistas, altos funcionários públicos e militares⁴⁷, pois o jornal era fortemente ligado aos grupos dominantes locais⁴⁸. O *JC* também mantinha relações com a comunidade portuguesa e esta “teve importante função na modelagem da sociedade e da economia amazônicas, tanto na capital como no interior”⁴⁹. Por isso, em sua primeira edição

O Jornal do Commercio deixa claro que a questão comercial seria o foco da empresa e que seu surgimento deu-se, justamente, para suprir a lacuna da falta de um jornal na cidade de Manaus que defendesse os interesses comerciais da região.⁵⁰

Após a morte de seu idealizador, Rocha dos Santos, o jornal passou por algumas instabilidades resultado das disputas sobre quem ficaria como diretor do órgão. O periódico só se reestabeleceu a partir de 1907, quando assumiu Vicente Reis, inaugurando, assim, a segunda

⁴⁵ SOUZA, Leno Barata. *Cultura Impressa no Amazonas e a Trajetória de um Jornal Centenário*. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, pp.106-133, jul./dez. 2010, p. 115.

⁴⁶ RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Op. cit.*, p. 47.

⁴⁷ SOUZA, Leno José Barata. *Op. cit.*, 2010, p. 117.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 121.

⁴⁹ RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Op. cit.*, p. 53.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 31.

fase do jornal. Reis era advogado, foi deputado estadual e também dramaturgo de grande influência na cidade⁵¹.

Durante a segunda fase do *Jornal do Comércio* passaram como redatores e colaboradores: Péricles de Moraes, Manoel de Miranda Simões, Joaquim Gondim de Albuquerque Lins, Paulo Eleuthério Álvares da Silva, Ataliba Corrêa, Gaspar Antonio Vieira Guimarães, Generino Maciel e Thaumaturgo Sotero Vaz⁵². A grande maioria destes, mais uma vez, era de fora do estado e com formações jurídicas e na área da saúde.

Sobre a popularidade, influência e prestígio dos redatores e colaboradores do jornal, podemos perceber que

Cada dirigente, a seu modo, soube articular os interesses da empresa *Jornal do Comércio* com o contexto econômico e político pelo qual Manaus estava passando. Suas estratégias de manutenção de poder precisavam ser dosadas ou transformadas de acordo com as mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas. Afinal, a existência do periódico dependia também de contratos feitos com o governo e com grupos comerciantes.⁵³

Esses periódicos diários, portanto, também eram moldados a partir das relações que mantinham com o governo e com o capital. Entretanto, como já mencionado, caracterizamos Joaquim Rocha dos Santos, figura pública ligada a um jornal diário, como um difusor das ideias do Primeiro de Maio, efetivamente, pela atuação que o periódico dirigido por ele tinha. Luís Balkar Pinheiro destacou que o jornal assumiu um caráter progressista “denunciando, muitas das vezes, as mazelas que impactavam o mundo do trabalho e a condição da classe operária amazonense”⁵⁴. Quanto à expressão dessas posições políticas, nossa hipótese é que o diretor do jornal foi o principal responsável, levando em conta que as notícias sobre o 1º de Maio foram mais efetivas entre 1904 e 1905, período pelo qual Rocha dos Santos estava à frente do periódico.

Por exemplo, o jornal divulgou duas imagens interessantes nos dois supracitados anos. A primeira delas foi divulgada ainda no primeiro ano de funcionamento do jornal, em 1º de maio de 1904. A imagem retratava Karl Marx e Philippo Turati numa alegoria maior que acompanhava a figura de um trabalhador masculino e uma figura feminina apresentando a

⁵¹ *Ibidem*, p. 62.

⁵² RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Op. cit.*, p. 78-80.

⁵³ *Ibidem*, p. 84-85.

⁵⁴ PINHEIRO, Luis Balkar. *Op. cit.*, p.126.

leitura como possível saída da exploração dos trabalhadores. João Carlos Marques argumenta que as figuras femininas nunca apareciam ao lado dos companheiros, pois elas eram geralmente alçadas à categoria de anjo.

Nas ilustrações a figura feminina aparecia não ao lado dos seus companheiros de luta, mais sim em trajes clássicos portando, como principal atributo, o barrete frígio como sinal de libertação, assumindo uma função alegórica de “deusa da Liberdade”, indicando o ideal ao qual o trabalhador consciente deveria abraçar.⁵⁵

Na imagem apresentada a seguir, fica evidente a ligação do “anjo libertador” com as duas figuras emblemáticas do movimento operário, Marx e Turati. Vale destacar que os rostos destes surgem a partir das engrenagens que o trabalhador movimenta ao labutar e estão dentro de um símbolo que, ao mesmo tempo, remete ao infinito (uma face duradoura do conhecimento) e ao número 8 (simbolizando a luta pela diminuição da jornada de trabalho). A imagem apresenta outros elementos, como a chaminé atrás do trabalhador.

Figura 4 - Ilustração do 1º de Maio



FONTE: *Jornal do Comércio*. Manaus, 1º de maio de 1904.

No texto escrito ao lado da imagem, que também faz alusão ao 1º de Maio, podemos observar as influências desses intelectuais e do motivo deles terem usado a imprensa como

⁵⁵ MARQUES, João Carlos. **Imagens e mensagens libertárias do Primeiro de Maio**. 2009. Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual de Londrina, 2009, p. 29-30.

divulgação: no caso de Marx, a sua principal obra, *O Capital*; e no caso de Turati, sua representação como chefe do Partido Evolucionista Italiano. Em sequência, o debate prega um sentido linear evolutivo de pensamento.

Isto comprovará mais tarde o progresso humano, tranquilizando o coração dos propagandistas do socialismo, que apesar de algumas investidas e oposições vão as suas ideias germinando em toda a Europa culta, progredindo admiravelmente nos países mais adiantados do Velho Mundo: Alemanha, Itália, França e outras nações⁵⁶.

Sendo assim, a libertação ocorreria primeiro nos países mais avançados no âmbito educacional e nos outros países – entre eles o Brasil – a libertação somente ocorreria caso se espelhassem nos países do “Velho Mundo”, partindo da referência evolucionista rumo ao ideal de socialismo. Como veremos, todas as imagens possuem como significado uma alternativa apresentada aos trabalhadores e, para isso, indicam caminhos de um futuro livre da exploração capitalista.

Em 3 de maio de 1905, o *Jornal do Comércio* estampou na capa uma imagem com diversos rostos. Junto dessas caricaturas, encontramos a de um trabalhador e a de um anjo, que, respectivamente, representam a labuta do operário em meio às ferramentas e a alvorada futura desses trabalhadores. Assim, o anjo, apresentado por meio da alegoria feminina, guia o trabalhador em direção aos rostos que o rodeiam.

⁵⁶*Jornal do Comércio*. Manaus, 1 mai. 1904.

Figura 5 - Ilustração Comemorativa ao 1º de Maio



Fonte: *Jornal do Comércio*. Manaus, 3 de maio de 1905

Para Luís Balkar Pinheiro, a gravura acima pode ser explicada por conta da grande “presença de imigrantes portugueses, franceses e italianos, entre a classe operária da cidade”⁵⁷. Dentre as figuras com os rostos estampados na imagem, estão Amilcare Cipriani, Eleonor Marx (filha de Karl Marx), Friedrich Engels, José Fontana, Jules Guesde, Pablo Iglesias Posse e Victor Prosper Considerant, os quais eram, em grande maioria, pensadores socialistas da Europa que exerciam grande influência na classe trabalhadora letrada local.

Duzentos exemplares do jornal com a imagem que não ficara pronta para a edição do 1º de Maio, foram, posteriormente, repassados por Rocha dos Santos, proprietário do

⁵⁷ PINHEIRO, Luís Balkar S. P. **Vozes Operárias**: fontes para a história do proletariado amazonense (1890-1930). Rio de Janeiro: Gramma, 2017, p. 127.

jornal, ao Centro Operário em Manaus, instituição que, idealizada e animada por Alfredo Vasconcelos Lins militava na organização da classe operária no Amazonas.⁵⁸

Nesta imagem, destacam-se elementos da natureza, sobretudo, as flores, que remetem à primavera do mês de maio. Nota-se que, entre as figuras socialistas, a natureza aparece viva com as flores já desabrochadas, enquanto, próxima ao trabalhador, ela tem a aparência de morta e seca, com exceção de uma única flor tenta adentrar o ambiente. Peter Linebaugh analisa o 1º de Maio como uma mistura das cores verde e vermelha, no qual o verde representa a relação com a natureza e o trabalho necessário, ao passo que a cor vermelha representa a expropriação social e a luta de classes. As duas cores coexistem durante o Primeiro de Maio e, portanto, a imagem publicada no *JC* em 1905 explora esse caminho⁵⁹. Linebaugh acrescenta que os mártires de Chicago se enquadram dentro da cor vermelha, pois as greves que culminaram nas mortes dos militantes evidenciaram as disputas de classe⁶⁰.

Contudo, há outro caminho possível para entender essa aproximação de Rocha dos Santos com o 1º de Maio, a qual pode ter se dado por influência que do filho do português, Raymundo Rocha dos Santos, que poderia ter aproximado o pai de um debate mais recente sobre socialismo. Seu filho frequentava os bancos da academia no curso de Direito, na cidade do Recife, e era muito conhecido no movimento operário local. Por isso, Raymundo pode ter influenciado as informações que seriam divulgadas pelo *Jornal do Comércio* por meio de seu pai que era, até aquele momento, dono e diretor.

Em maio de 1905, por ventura das festividades do Dia do Trabalhador, o então diretor do *Jornal do Comércio* foi convidado para participar da chamada “festa comemorativa do trabalho” na sede do Centro Operário. Esse jornal destacou a forte participação de seu diretor, o qual teve, inclusive, a oportunidade de proferir um discurso e, segundo o autor da nota publicada no *JC*, ao final da fala, o diretor “foi alvo de delirantes aplausos, tendo sido recebido sob cativante demonstração de apreço e simpatia”⁶¹. Rocha dos Santos ainda felicitou, em nome do jornal, toda a sociedade de trabalhadores e levou as congratulações de seu filho, Raymundo

⁵⁸ PINHEIRO, Luís Balkar S. P. *Op. cit.*, 2017, p. 127.

⁵⁹ PETER, Linebaugh. The incomplete, True, Authentic and Wonderful History of May Day. In: COCKBURN, Alexander; CLAIR, Joffery St. **Serpents in the Garden: Liaisons with Culture & Sex**. CounterPunch, 2004, p. 45-46.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 53.

⁶¹A nota não estava assinada, mas pressupomos que seja algum redator do próprio jornal por conta da grande informação acerca de Joaquim Rocha dos Santos. *Jornal do Comércio do Amazonas*. Manaus, 3 mai. 1905.

Rocha dos Santos, que era sócio honorário da agremiação e estava no Recife. Essa informação sustenta as nossas hipóteses referentes à troca de influências entre pai e filho, além também de corroborar com o fato de Rocha dos Santos ser encarado como um apoiador do Primeiro de Maio entre a classe trabalhadora local, mesmo não sendo um operário⁶².

Essa posição fica tão evidente que, nos anos de 1906 e 1907, após a morte de Joaquim Rocha dos Santos, o referido jornal não divulgou notas específicas acerca do 1º de Maio na cidade de Manaus. Entretanto, na altura, o periódico se ateve apenas a noticiar sobre o que estava ocorrendo na Europa, como a greve que os trabalhadores franceses deflagraram em 1906 por conta da não realização das “festas que estavam projetadas para o 1º de Maio”⁶³. Neste momento, a primeira página do jornal apresenta a inscrição “propriedade de uma empresa” e não mais “propriedade de J. Rocha dos Santos”.

Já sob a direção de Vicente Salles, uma única imagem ganhou as páginas *do Jornal do Comércio* em algumas edições publicadas entre as décadas de 1910 e 1920. Tratava-se da imagem —possivelmente reproduzida de um veículo estrangeiro, como era comum no período— de um trabalhador com características europeias, perceptíveis por conta da vestimenta que possui — no entanto, as roupas que veste eram comuns também entre os trabalhadores brasileiros, como se vê nos *Álbuns do Amazonas* dos anos 1900 —, olhando para o horizonte, vislumbrando o sol nascente que porta a inscrição “1º de maio”. Os símbolos apresentados caracterizavam o surgimento de uma nova era. No cenário da imagem, ainda foi possível observar referências do ambiente servil dos trabalhadores, os quais, ao mesmo tempo, sonhavam com a liberdade futura.

⁶² *Jornal do Comércio*. Manaus, 3 mai. 1905.

⁶³ *Jornal do Comércio*. Manaus, 4 mai. 1906.

Figura 6 - O trabalhador e a aurora operária



FONTE: *Jornal do Comércio* [várias edições].

Também foi possível observar que “as algemas rompidas ao mesmo tempo que representam a disposição para a luta e o sinal de uma mente liberta e revolucionária fazem uma ligação com a escravidão”⁶⁴. A ligação com o passado escravo foi muito recorrente entre o movimento operário, como destacou Marcelo Badaró Mattos. Segundo o autor, essas discussões estão associadas “à exploração burguesa” que, mesmo após o período escravocrata, ainda persistia em reproduzir as relações de exploração, principalmente, pelo patronato⁶⁵.

Mais uma vez, a figura feminina surge indicando o caminho que deve ser seguido, estando muito próxima ao sol, que “não tinha um caráter ameaçador, e representava o início da nova era, aparecendo ao nascer do dia no horizonte ou emoldurando figuras emblemáticas que representavam a revolução, a liberdade ou a anarquia”⁶⁶. A apropriação de símbolos com

⁶⁴ MARQUES, João Carlos. *Op. cit.*, p. 40.

⁶⁵ MATTOS, Marcelo Badaró. **Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca**. Rio de Janeiro: Bom Tempo, 2008, p. 213.

⁶⁶ MARQUES, João Carlos. *Op. cit.*, p. 30.

conceitos importantes buscando criar um imaginário social para os trabalhadores era uma forma de se chegar a um “ideal de operário”, politizado e militante.

Como explicou Eric Hobsbawm, os rituais operários se desenvolvem podendo informar as circunstâncias da “invenção de tradições”⁶⁷. Os símbolos também são vistos dentro das próprias mobilizações, até de forma espontânea, como a utilização de bandeiras com os respectivos *slogans* dos grupos operários. Podemos pensar a data “Primeiro de Maio” como um dos mais importantes elementos simbólicos da consciência política e da união da classe operária.

Partilhava com estas a característica essencial de ser a apresentação pública e regular de uma classe em si, uma afirmação de poder; de fato, em sua invasão do espaço social do sistema, uma conquista simbólica. Mas, de forma igualmente crucial, o 1º de Maio foi a afirmação da classe através de um movimento organizado.⁶⁸

Claudio Batalha considerou “surpreendente” a difusão de símbolos dentro movimento operário. Entre esses elementos, destacam-se “a alegoria feminina da liberdade, o barrete frígio”, além do sol nascente⁶⁹. Para o movimento operário, as imagens difundidas nos periódicos eram estratégicas e eram articuladas pelos militantes para arregimentar os trabalhadores. Compreendemos que esses elementos integravam um plano maior: a emancipação operária.

Conclusão

Com base em todas as discussões apresentadas, percebemos que pensar na trajetória dos líderes operários em Manaus, que se animavam com o 1º de Maio, é pertinente para compreendermos as concepções relacionadas à ideia de abordagem ideal da data. Com certa parcimônia, essas mobilizações, mesmo que conduzidas por líderes operários, contavam com grande participação de trabalhadores menos conhecidos do grande público e que, apesar dessa pequena distinção, compartilhavam os mesmos sonhos da busca por uma nova sociedade⁷⁰.

⁶⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Op. cit.*, p. 115.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 127.

⁶⁹ BATALHA, Claudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira da (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 107.

⁷⁰ COSTA, Deusa. *Op. cit.*, p. 181.

Tanto Joaquim Azpilicueta quanto Tércio de Miranda (e outros líderes) tiveram importância crucial na divulgação da data pelo Amazonas. Consideramos as atuações desses personagens marcantes para pensar a história do movimento operário na cidade de Manaus e “também agregadoras de enorme valor e significado, seja pelas ideias que defenderam, seja pela liderança que desempenharam a frente de suas categorias profissionais”⁷¹.

Portanto, os trabalhadores letrados que se esforçaram para divulgar o Primeiro de Maio em Manaus, o que acarretou a circulação de ideias sobre as funções da data e sobre os projetos para a luta dos trabalhadores⁷². No entanto, isto não era impedimento para que o restante dos trabalhadores e trabalhadoras assumisse diferentes formas de luta.

Referências

BARROS, Cláudia Amélia Mota Moreira. **Vozes Operárias: os tipógrafos e a construção da identidade operária amazonense (1891-1914)**. 2015 Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, 2015.

BATALHA, Claudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: _____; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira da (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

_____. Identidade da Classe Operária no Brasil (1880-1920). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 12, n. 23/24. set. 1991/ago. 1992.

COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Editora Valer; FAPEAM, 2014.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a História Operária**. 6 Ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MARQUES, João Carlos. **Imagens e mensagens libertárias do Primeiro de Maio**. 2009. Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual de Londrina, 2009.

_____. **A Voz do Trabalhador: cultura operária e resistência anarquista no Rio de Janeiro (1908-1915)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Londrina, 2013.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca**. Rio de Janeiro: Bom Tempo, 2008.

⁷¹ PINHEIRO, Luís Balkar S. P. Lideranças estrangeiras entre os trabalhadores manauaras (1910-1930). **Revista Mundos do Trabalho**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, jan.-jul., 2017, p. 99.

⁷²Aqui não queremos reforçar aquele antigo postulado muito presente na História do Trabalho de que o protagonismo das lutas era dos imigrantes, pelo contrário, concordamos com os escritos de vários historiadores que destacaram a importância deles, mas não os alçamos a protagonistas desse processo. Ver mais: DOS SANTOS, Carlos José Ferreira. **Nem tudo era italiano**. São Paulo e Pobreza (1880-1915). São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 1998.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PETER, Linebaugh. The incomplete, True, Authentic and Wonderful History of May Day. In: COCKBURN, Alexander; CLAIR, Joffery St. **Serpents in the Garden: Liaisons with Culture & Sex**. CounterPunch, 2004.

PINHEIRO, Luís Balkar S. P. **Vozes Operárias: fontes para a história do proletariado amazonense (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

_____.; PINHEIRO, Maria Luiza U. **Mundos do Trabalho na cidade da borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880-1930)**. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

_____. Lideranças estrangeiras entre os trabalhadores manauaras (1910-1930). **Revista Mundos do Trabalho**, v. 9, n. 17, jan./jul, 2017.

PINHEIRO, Maria Luiza U. A Pena e a Forja: jornais de trabalhadores no Amazonas no século XIX. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, 2014.

_____. **A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1915)**. 3 ed.. Manaus: Edua, 2015.

RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. **Do Burgo Podre ao Leão do Norte: o Jornal do Commercio e a Modernidade em Manaus (1904-1914)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, 2014.

RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária: os congressos operários no Brasil**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

SANTOS, Francisco Jorge dos et al. **Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950)**. Catálogo de Jornais. 2 ed. Revisada. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1990.

SOUZA, Leno Barata. Cultura Imprensa no Amazonas e a Trajetória de um Jornal Centenário. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, pp.106-133, jul./dez. 2010.

TELES, Luciano Everton Costa. **Construindo Redes Sociais, projetos de identidade e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas**. 2018. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

_____. Tércio Miranda: uma liderança anarquista na Amazônia (1913-1914). **Revista Mundos do Trabalho**, v. 9, n.17, jan./jul. 2017.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.